

MITOS E SÍMBOLOS COMO ESPELHO HUMANO NOS CONTOS DE FADAS

Cecília de Campos França¹

*Aquele que vê o lado de fora, sonha;
aquele que vê o lado de dentro,
desperta. Carl Gustav Jung*

RESUMO: Tratar desta temática requer alguns cuidados para não correr o risco de transitar somente na superfície. Por outro lado, sua complexidade, tornou necessário fazer alguns recortes analíticos a fim de possibilitar reflexões que venham a contribuir para o entendimento e aprofundamento do papel fundamental tanto dos mitos, dos símbolos como dos contos de fadas, pois estes tocam em aspectos-chave da psiquê humana e os põem em movimento, possibilitando inquietação e mobilização para a superação de dificuldades, a fim de permitir um maior entendimento da dinâmica de si mesmo e do mundo.

Palavras-Chave: Contos de fadas. Mitos e símbolos. Autoconhecimento.

MYTHS AND SYMBOLS AS A HUMAN MIRROR IN FAIRIES TALES

ABSTRACT: Dealing with this theme requires some care in order not to run the risk of transiting only on the surface. On the other hand, its complexity made it necessary to make some analytical cuts in order to enable reflections that may contribute to the understanding and deepening of the fundamental role of myths, symbols and fairy tales, as these touch on key aspects of the human psyche and set them in motion, enabling restlessness and mobilization to overcome difficulties, in order to allow a greater understanding of the dynamics of oneself and the world.

Keywords: Fairies Tales. Myths and Symbols. Self Knowledge.

Introdução

A sabedoria contida nos contos de fadas, como já disse Marie-Louise Von Franz (1990), traz contribuições para todas as pessoas, pois há nestes uma estrutura essencial da psiquê humana e todo um conjunto de símbolos que funciona como ferramentas fundamentais e serão utilizadas em um momento de necessidade, pois nos inundam de referenciais e nos mobilizam a pensar, sentir e agir diante da vida, assim como para compreender a nós mesmos.

O mito traz uma compilação de arquétipos, conceito cunhado por Jung (2000), que são ideias poderosas emergentes aqui e ali, e foram entrelaçadas de maneira inteligente e

¹ Profa. efetiva da UNEMAT, *Campus* de Tangará da Serra – MT. Graduação Psicologia, Pedagogia, mestrado e doutorado em Educação na PUC /SP e pós doutorado em Educação na UNICAMP. Membro do grupo de pesquisa ensino e extensão LIPP – Literatura Infante Juvenil, Poesia e Prosa e GPDES – Grupo de Pesquisa Direito, Estado e Sociedade. E-mail: cecilfran@yahoo.com.br

consciente. Ocorre, nos contos de fadas e nas fábulas, uma diluição destas ideias, ou seja, a complexidade de um mito é recortada, reduzida a um pequeno fragmento para se tornar mais palatável. Estas pequenas unidades formarão o enredo principal de um número imenso de contos (GALVÃO, 2019).

Conforme reflexões de Galvão (2019) nos contos de fadas, assim como nas fábulas há a presença de elemento moral explícito e determinante. No entanto, o mito é essencialmente simbólico e sem pretensão alguma de dar uma fachada moral a alguma coisa. O leitor é quem terá de fazer um esforço, a partir de seus conhecimentos, experiências, de sua substância interna, para interpretar as ideias nele contidas. Importante salientar que o símbolo representa, como nos diz Campbell (1990), um coágulo de sentidos, pois permite a um número grande de pessoas, em épocas diferentes, extrair compreensões que as auxiliem na jornada de desenvolvimento e compreensão de si mesmas, bem como, a impulsionar seu desenvolvimento espiritual.

Campbell (1990, p. 17) trata da busca do ser humano por sentir-se vivo:

[...] de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos.

As pistas de que Campbell fala são os mitos, pois para o autor, estes “[...] são potencialidades espirituais para o ser humano”. Não é a busca por sentido que conta, mas a busca pelo “valor genuíno, o prodígio de estar vivo, é o que realmente conta”. Por isso, ele muda a linguagem de “busca de sentido” para a “experiência de sentido” (CAMPBELL, 1990, p.17). E para chegar a esta experiência de sentido há que se ler mitos, pois eles vão ensinar a possibilidade de se virar para dentro de si mesmo e, assim, acessar as mensagens contida neles. As pessoas devem ler também mitos de outras povos e culturas para enriquecer suas experiências de sentido.

É importante esclarecer que há contos e/ou fábulas que podem estar desprovidos de conteúdos mitológicos e, assim funcionam somente como mensagens de cunho pedagógico e/ou moral. Marie-Louise Von Franz (1990) fala de contos originados de certos acontecimentos locais que retratavam fenômenos extraordinários. Após algumas décadas pode-se perceber enriquecimento, pois outros elementos de origem simbólica foram associados a estes.

Mircea Eliade (1972, p. 6) entende o “[...] mito vivo no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”. Para o autor em questão “[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento

ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”. É a narrativa de uma criação (ELIADE, 1972, p. 9).

O fato é que percebemos uma recorrência de temas simbólicos nos contos de fadas e a presença de muitos argumentos míticos fragmentados. Galvão (2019) diz que os estudiosos de contos de fadas e fábulas ficam intrigados pois notam dois eventos que se repetem: 1º) a presença de argumentos míticos; 2º) a repetição de temas, com frequência, em todos os cantos do mundo. Podemos dar como exemplo os arquétipos: mãe; sábio; inocente; governante; mago; bandido, o herói; o tolo; o explorador; o criador; o amante, o cuidador e o órfão, dentre outros. Em relação aos temas comuns e que se repetem muitas vezes encontramos: a madrasta má; o irmão mau; o irmão invejoso; bruxa; perigos iminentes; ingenuidade; inexperiência; anseio por uma outra vida; infelicidade, altruísmo; egoísmo; avareza; dentre outros.

Viver os mitos é ter a experiência de religar-se a valores, mundos e dimensões superiores, ainda tênues, em vista à harmonização das estruturas psíquicas, que nos possibilitam tornarmos mais humanos e mais preparados para acessar um degrau a mais na senda iniciática, no processo de espiritualização.

Nos contos de fadas temos uma estrutura psicológica humana, e alguma imagem que expressa uma angústia profunda, uma necessidade importante. “Certos sentimentos aderem a pensamentos que unidos se tornam símbolos podendo aflorar em toda parte e tempo. A Filosofia da Roda de Fiar se materializava nas aldeias pelo mundo quando se reuniam as pessoas para contar histórias”. As histórias eram contadas, via de regra, por pessoas idosas e, mobilizavam-nas através de sentimentos e reflexões, colocando-as em movimento na trilha do autoconhecimento, por oferecerem ferramentas simbólicas para tal. Estes ensinamentos atemporais revividos dentro de pequenos grupos rurais e urbanos, assim como familiares, proporcionavam experiências profundas aos que dela participavam (GALVÃO, 2019, s/p).

Galvão (2019, s/p), ao trazer os elementos comuns nos contos de fadas, enumera-os como: 1) era uma vez...; 2) paradoxos lógicos; 3) antagonista; 4) armas mágicas; 5) sem interesse. Trazemos rapidamente, do que se trata cada um deles, a seguir.

“Era uma vez...” conforme Mircea Eliade, diz respeito ao termo em latim *in nullo tempore* que é o tempo paralelo, atemporal, eterno em que a consciência transita da ignorância até a sabedoria. Isto significa que enquanto houver um único ser humano vencendo suas provas, este tempo estará acontecendo. Portanto, quando toda a espécie humana tiver superado suas provas, então sim, aí este será um tempo passado (GALVÃO, 2019; ELIADE, 1972).

“Paradoxos lógicos” tratam da exigência trazida pelos contos de fadas de acessá-los com uma mentalidade simbólica, imaginativa, intuitiva. Se o acesso ocorrer de forma muito racional,

tende-se a ver absurdos, próprio do pensar concreto, de uma razão mecânica e levar o leitor ao desinteresse. Já a linguagem simbólica, imaginativa e intuitiva desvela uma série de elementos que permitirão uma jornada interior. Importante ter claro que a história se passa dentro de cada um de nós. E estas histórias simbólicas projetam fora o que está acontecendo dentro do ser humano ao lê-las ou ouvi-las. Galvão chama a atenção para que percebamos que a primeira coisa que se faz em um conto de fadas clássico é “[...] colocar um enorme pedregulho no umbral da porta de entrada para que a razão mecânica, de lógica descartiana, tropece e fique por ali”. Um tempo sem tempo e uma placa que diz: “A razão banal do dia-a-dia não é bem-vinda”! (GALVÃO, 2019, s/p).

“Antagonista”, diz Galvão (2019), dentro da perspectiva filosófica de interpretação, que a meta de um conto clássico não tem objetivos mórbidos. Não é destruir alguém, não é matar alguém. O que se passa é que o antagonista tem de ser tirado do caminho, com o mínimo dano. Dentre as possibilidades está controlá-lo, dar um outro papel a este mais útil que o de impedir o desenvolvimento do personagem, se der para integrá-lo, assim será feito. Caso seja necessário matá-lo, então o personagem o matará. Os objetivos de um conto clássico é a perseguição e realização de uma missão, dotada de valor. Um valor individual que se identifica com um valor coletivo valioso.

“Armas Mágicas” dizem respeito aos poderes latentes do ser humano que começam a aflorar e tem sua expressão simbólica nos contos de fadas. O herói e/ou heroína de um conto no início são frágeis porque estão destituídos de grandes capacidades. Ao desenvolver o enredo da história, ele ou ela ao aceitarem os desafios que lhes são colocados começam a ter seus poderes aflorados, e isso aparece como um velhinho que lhes oferece água, ou uma capa que o torna invisível, invulnerável, ou então aparece um pássaro que persegue um animal que o herói e/ou heroína salva e por gratidão ensina algum segredo ou lhe dá algum objeto mágico para protegê-lo (la) de novos riscos e desafios. E assim, cada vez que há o empenho da personagem que representa o herói em causa coletiva, justa e ética desperta e faz emergir dentro deles poderes latentes adormecidos que vão florescendo ao longo do conto. Estes poderes podem ser coragem, habilidades diversas e a argúcia. E ao chegar no desafio mais perigoso, que era de fato, sua missão, ele se encontra armado, preparado e maduro para enfrentar o perigo e sair vitorioso. Esta é a trajetória do herói de mil faces do Campbell. É o processo de desenvolvimento das perícias humanas à medida em que ele se compromete com um bem maior (GALVÃO, 2019; CAMPBELL, 2007).

“Sem interesse” é um elemento que demarca que não pode haver interesses pessoais no conto de fadas, pois se assim o for, este tem de ser banido. O egoísmo, por exemplo, é algo a

ser extirpado. É o primeiro sentimento que o aspirante à espiritualidade tem que superar. É o primeiro aspecto que será cobrado dele. Caso contrário, desconfigura-se a saga de evolução e superação da condição humana visando espiritualidade, passando a ser um empreendimento, um jogo de interesses. A causa tem de ser altruísta. A saga heroica, em pequena dimensão no conto e grande no mito, exige desprendimento e altruísmo, logo no seu umbral inicial (GALVÃO, 2019; CAMPBELL, 1990, 2007).

Todos estes elementos combinados é que vão construir a esfera mágica no conto e na fábula. Uma missão, objetivo maior que acontece em um tempo sem tempo, que não passa nunca e acontece agora e toda a vez que houver um ser humano que ainda não venceu suas provas. É esta dimensão mágica que vai mostrar ao ser humano como aflorar seus poderes latentes, como agir de maneira altruísta e desinteressada, como não ter objetivos ancorados no ódio, mas no bem estar tanto individual como coletivo (GALVÃO, 2019; CAMPBELL, 1990).

São muitas as áreas que estudam e analisam os contos, cada uma delas faz um recorte para atender seus objetivos. Neste trabalho, a atenção será para os suportes da Filosofia e da Psicologia. No entanto, vale ressaltar que há outras e diversas possibilidades analíticas como: Antropológica, Sociológica, Pedagógica, Literária, Etnológica, dentre outras. O Centro Folclórico Finlandês, uma referência interessante neste assunto, trata da origem difusa do estudo de mitos. E isto significa que mesmo uma pessoa que nunca tenha ouvido um conto de fadas, tem em seu interior argumentos adormecidos destes, à espreita para virem à tona na consciência. Estes elementos são representados por meio de símbolos quando despertam no inconsciente, tal como ocorre nos sonhos. E assim sendo, raríssimas vezes vem explicitamente. O que é mais recorrente é de serem representados por símbolos (GALVÃO, 2019).

As necessidades primordiais humanas são semelhantes e constitutivas do ser, e quando não são iguais, são equivalentes. Jung denomina isto de arquétipos do inconsciente coletivo. E por isso, não há que se falar em interpretar um conto de fadas dando apenas a classificação do tipo pensamento. O que cada imagem/símbolo significa tem correspondência direta com o sonhador, e não servirá para todos os que sonharem com a mesma imagem ou símbolo. E exatamente por isso, o símbolo se diferencia, não permitindo uma universalização de significados. O que aliás, os tornaria muito mais reduzidos e os descaracterizaria (GALVÃO, 2019; JUNG, 2000).

Quando acessamos a estrutura de um conto, acessamos também a estrutura da psiquê daquela pessoa que de alguma maneira se identificou com este e o recria em sua vida. Exatamente como os mitos são recriados na vida de cada pessoa. O ser humano é composto de três mundos, segundo os gregos, tal como o caduceu de mercúrio: parte física, parte psíquica e

a parte espiritual. Nesta tradição grega isto é chamado de *nous, psique e soma*. Para os filósofos e psicólogos a parte noética² ou espiritual é o que interessa. O ato de caminhar, de seguir em frente, de superar dificuldades e obstáculos é o que interessa, além dos efeitos desta trajetória de superação, de conhecer a si próprio e encontrar o sentido de vida como ser humano (GALVÃO, 2019; FRANZ, 1990; CAMPBELL, 1990; 2007).

Análise de dois contos: algumas reflexões

Dada a limitação de um artigo trouxemos considerações acerca do conto clássico “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen e do conto moderno “O Pintinho que nasceu quadrado”, de Regina Chamlian e Helena Alexandrino. Muitas interpretações são possíveis, mesmo dentro de uma área específica de conhecimento. Por isso, o que trazemos aqui é uma possibilidade de leitura.

Na história “O Patinho Feio”, por algum motivo, o ovo de um cisne foi parar no ninho de uma pata. Os outros achavam o ovo muito grande, mas a pata o chocava como fazia com os demais. Quando as cascas dos ovos começaram a romper saíram patinhos amarelos, pequenos e bem parecidos uns com os outros, mas de um dos ovos saiu um pato grande, branco e desengonçado e visto como muito feio, esquisito e muito diferente dos demais. A mãe pata fica horrorizada e o rejeita. Mas mesmo rejeitado ele a acompanha junto a seus irmãos até o lago. No entanto, é desprezado, debochado, humilhado. E ao se olhar nas águas do lago, vê uma imagem torta de sua imagem, pois as águas oscilavam e a deformavam. E ao ver isso, acha mesmo que é muito feio, começa a chorar e resolve sair do local, buscando onde ele não incomodasse ninguém e não pudesse ser visto. É possível identificar o simbolismo das águas da matéria. Bachelard (1998, p. 6-7) diz que “[...] sob as imagens superficiais da água, há uma série de imagens cada vez mais profundas, mais tenazes [...]” que sob contemplação faz surgir uma simpatia por esse aprofundamento. Como dizia Heráclito não se banha duas vezes no mesmo rio, porque em sua profundidade o ser humano tem o destino da água que corre. E assim, “a água é o elemento transitório”. As águas de um lago, conforme se sabe das tradições judaico-cristã representam a origem da vida.

Quando vivemos em um mundo excessivamente materialista, muito distorcido, as coisas belas ao se refletirem ali parecem absurdas. Este é um mundo onde as coisas se invertem. Ou seja, o que é feio sob o ponto de vista ético e moral é aceito, pois são comuns nas sociedades, e

² Noética - É uma parte da Filosofia que estuda os fenômenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência. Como conceito filosófico define a dimensão espiritual do ser humano.

o que é belo e nobre é visto como uma distorção. Galvão (2019) diz que há um acordo tácito no mundo materialista para que todos permaneçam “patos”, se alguém se revela ou ousa ser cisne isso não será perdoado. E, por isso, ele não teve perdão. E assim, sai andando sozinho por matos, florestas, angustiado e chorando... Até que em determinado momento chega em um local onde vê aves no lago. Uma mãe com vários filhotes, mas já não era como a sua mãe pata. Era uma ave branca, grande, belíssima, e curiosamente, muito parecida como os filhotinhos e com ele. E se assusta com o que vê, pois a ave não era nada feia, mas belíssima. A mãe cisne se aproxima dele, o reconhece como seu filho, o chama para se reunir com seus irmãos. Ele é aceito e passa a deslizar sobre as águas do lago junto aos demais.

O cisne consegue reconhecer o que ele é quando se vê através do outro. Quando percebe que há uma nova forma de se deslocar, de deslizar sobre as águas, de mover suas asas, que se movimentam sobre as águas da matéria. O cisne simboliza este deslizamento sobre o mundo material visando as alturas. O símbolo aqui é o deslizar sobre o mundo material, refletindo os arquétipos de uma dimensão superior, que trazem a maior ética, a maior estética, a maior beleza nos movimentos de um ser no mundo material (GALVÃO, 2019).

Na Índia, o símbolo Hamsa hindu se vê no outro. Nas palavras de Albornoz e Fernández (2015, s/p): “[...] o cisne é uma ave que consegue separar o leite da água em uma porção composta dos dois elementos, o leite representando o espírito e a água a matéria”. Além disso, “[...] associa-se ao nascimento do mundo. O grande cisne Hamsa incuba o ovo cósmico a partir do qual o mundo se manifesta desde seu reflexo na superfície das águas primordiais”. Representa a respiração primeira que dá vida à substância material em seu estado embrionário. Nesta simbologia o cisne representa a dimensão criadora, divina.

Quando as pessoas que buscam construir uma natureza filosófica, que querem ter uma experiência profunda de sentido na vida, não querem permanecer na superfície da vida, mas sim, entender quem se é, e o que veio fazer aqui...demonstram estar fora da superfície, pois estas questões mostram profundidade. Quando jovens nos confrontamos com um mundo que é uma grande corrida para ver quem ganha mais dinheiro ou quem tem mais títulos...Se assim vivemos, estamos em uma distorção, estamos feios e estranhos. No entanto, aqueles que buscam se tornar pessoas mais completas, melhores, mais dignas da vida como seres humanos, buscam outras referências a sua volta e se reconhecem nestas. Nos vemos no outro que vive a mesma saga que nós. Encontramos assim o nosso lugar. Sabemos que não somos nem melhores nem piores que os demais, mas temos nosso papel no mundo e isso deve ser respeitado para que possamos viver e deixar viver. Respeito, *respicere* que significa “olhar outra vez”, começa por “saber olhar a si mesmo”. Encontrar seu lugar no todo e perceber que é tão digno como qualquer

outro, é fundamental. O seu papel é necessário também e deve ser cumprido. É preciso dar seu recado ao mundo. E ao encontrar o seu lugar o cisne encontra sua identidade e sua função no mundo (GALVÃO, 2019)

No Conto “O Pintinho que nasceu quadrado” o que se tem é um galinheiro que se organiza com valores e uma ordem conhecida por todos nós. Quem comanda e governa são os galos e as galinhas se subjugam às regras estabelecidas. O botar ovos é a obrigação delas e há um ritual para que isso seja considerado adequado. As personagens aceitam suas posições sem questionamentos e, consideram normalidade que se deve, a todo custo, respeitar, obedecer e não permitir que esta seja subvertida. No entanto, no galinheiro tem uma única galinha que tem nome e por ele é identificada: Carola. Ela tem o hábito de ficar junto à cerca olhando o horizonte que se perde. Esta recorrência comportamental denuncia sua insatisfação e curiosidade para conhecer o que há além da cerca, dando mostras de sua vontade em ir além, conhecer, aprender e viver novas experiências. As demais galinhas aceitam a vida sem reflexões e assim vão botando seus ovos, sempre do mesmo modo, obedientes à mesmice de suas vidas. Nada pode ser questionado e mudado por lá, sob pena de punição e banimento.

Carola, ao olhar e mergulhar na magia de olhar para além da cerca, certo dia bota um ovo que destoa dos demais, pois era quadrado e conseguia ficar de pé sozinho, devido ao seu formato. Esta façanha do ovo de ficar em pé sem qualquer anteparo, traz discussões sobre a ordem do mundo. E esta situação não poderia ser tolerada, já que colocava em risco a ordem já estabelecida. Então, colocam para Carola que tudo poderia ser resolvido e voltar a vida normal, se ela aceitasse jogar fora aquele ovo que era uma aberração. No entanto, Carola entende que o que pedem a ela é que era absurdo, pois não abandonaria ou jogaria fora seu filho. E decide chocar seu ovo e permanecer ali onde estava.

Chamam um galo juiz e julgam sua conduta como um crime que necessita de punição. E fica decidido que Carola não pode mais permanecer no galinheiro e deve sair levando o seu ovo quadrado. O antagonista aqui se coloca como as personagens do galinheiro. Temos aqui uma sociedade que poucos decidem por muitos, os galos dão os vereditos e os demais devem obedecer. As galinhas não têm vez nem voz e tudo sob a égide de normalidade.

Carola inicia então sua caminhada solitária, quando algum tempo depois nasceu o pintinho quadrado. Nesta trajetória são muitos os personagens animais que cruzam o caminho de mãe e filho e zombam do formato do pintinho tornando muito árdua a tarefa de encontrar um lugar para que pudessem viver. Rejeição, violência, discriminação, preconceito vindas de seus semelhantes, de seu povo. Durante a caminhada mãe e filho se aproximam ainda mais, conversam sobre as experiências que tiveram e refletem sobre: ser, parecer, rejeição, autonomia

e acolhimento. Como estavam muito cansados da viagem, adormecem. No raiar do sol, ao despertarem se deparam com animais simpáticos, diferentes, incomuns, pois têm formas geométricas diversas. Transbordando simpatia e acolhimento, os diversos animais elogiam a beleza do pintinho e sua forma, trocam as experiências semelhantes que tiveram de rejeição e banimento. Por fim, resolvem sair juntos em busca de um lugar onde pudessem ser quem são e cultivar amizades, desejos e sonhos.

O interessante de se ver é que, a rejeição inicial se dá a cada um deles, por não cumprirem as prescrições do grupo social a que pertenciam, e o acolhimento veio de outros que também desejavam trilhar novos caminhos. Há o reconhecimento de cada um deles nos outros. Os que fugiam do padrão imposto percebiam que poderiam estabelecer diferentes filiações, pois buscavam mais da vida do que aqueles que pertenciam aos seus grupos originais. Tal como acontece com muitos de nós, nas sociedades excessivamente materialistas, que se apoiam em valores que consideramos menores, superficiais, maiávicos (maya³), que causam em nós, a necessidade de encontrarmos outras pessoas, que como nós, procuram pensar, refletir e buscar uma trajetória de vida, que nos permita alcançar uma espiritualidade mais desenvolvida, para ver melhor, sentir de forma inteligente, pensar de forma sensível, desenvolver a capacidade de estar junto a outros que possam estabelecer reciprocidade, promovendo assim, desenvolvimento espiritual, emocional e cognitivo.

O formato geométrico dos bichos que queriam um mundo melhor, nos remete ao conceito pitagórico de geometria. Este é um elemento do raciocínio lógico que representa um modo de pensar mais complexo, difere da razão e do emocional vulgar e raso.

A geometria é uma das três áreas da matemática que se dedica ao estudo das formas dos objetos presentes na natureza, das posições ocupadas por estes, das relações e propriedades relativas a estas formas. Esta ciência é construída relacionando objetos básicos, a fim de obter algo mais trabalhado, que relacionados entre si, resultarão em elementos muito mais elaborados e, assim sucessivamente.

O número em relação ao tempo gera o ritmo, periodicidade, organização no tempo. Isto seria o *arithmós* que representa a duração do tempo, que pode ser mais lento ou ser acelerado. Não confundir com Chronos que é o deus do tempo cronológico. Este tempo é uma grandeza que pode ser medida em anos, meses, semanas, dias, horas, minutos e segundos. Não pode ter sua força detida, pois tudo o que se conquista neste tempo é efêmero e tem fim. Já o número em relação ao espaço gera a forma e daí nasce a geometria. Tudo o que existe tem um número,

³ Maya = neste texto significa ilusão.

pois sem ele não seria possível conhecer, tão pouco compreender as coisas, conforme preconizava Filolau, filósofo pré-socrático que estudava Pitágoras.

Mário Ferreira dos Santos (1959, p. 70) diz que Pitágoras não concebia o número como meramente quantitativo, mas muito mais que isso. O termo grego “*nomos*, significa regra, lei, ordem, porém a palavra *arithmós* era concebida como número em sentido genérico”. Vejamos um trecho da obra de Santos (1959, p. 70), que nos baseamos para estas reflexões: “A ordem é a relação entre um todo e as suas partes, e se considerarmos que onde há esta relação entre o todo e suas partes, há uma certa coerência”. Notemos que a ideia de ordem se torna enriquecida. Para Pitágoras “o número é também esta ordem, esta coerência, que dá fisionomia da tensão de um todo”. Na matemática, o número não é apenas quantidade, mas também relação e função (SANTOS, 1959, p.70).

Pitágoras ensina que o número encerra sempre o numeroso, porque exige uma relação, e em toda relação há exigência de mais um. “O UM não é número. O UM é o todo. O Absoluto é o UM. Assim sendo, não se deve confundir com o um aritmético” (SANTOS, 1959, p. 70).

Como dissemos, o galinheiro trazia o conservadorismo do mundo material em que somente admite o igual, o recorrente, a homogeneidade, a obediência, o habitual e o que já está aceito. As regras que um dia foram elaboradas pelos próprios personagens, com o tempo, tornaram-se imutáveis, pois esqueceram-se de que foram construídas ali e por eles mesmos. Desta forma não trazem mais qualquer possibilidade de mudanças, de novos arranjos que possam refletir diferentes valores, de uma dimensão superior, tais como paz, amor, sabedoria, fraternidade, solidariedade, comunidade, cooperação e valorização de toda e qualquer forma de vida, como um bem maior.

A discriminação, o preconceito, a rejeição, a dominação, o submetimento, o interesse pessoal egoísta em detrimento do coletivo são problemas de natureza grave, sob o ponto de vista estético e ético. No entanto, não indigna mais. Os valores éticos, que materializam diferentes formas de relação social e que promovem o ser humano, aumentando sua potência de ser mais, não são considerados, sequer percebidos. A homogeneização do mundo é valorizada e viola a ideia do Diverso no Um, bem como a que afirma ser o Um composto pelo Diverso.

Na história analisada, a cerca demarca o galinheiro e o que está fora dele. Carola conhece o que está dentro deste cercado e, não se satisfaz com o que a vida lá lhe reserva. Fora da cerca estão outras possibilidades ainda não conhecidas por ela, mas que seus anseios e sonhos lhe dizem ser mais interessantes.

Santos (1959) nos auxilia a pensar: “A unidade é a oposição entre o limite e o ilimitado; a unidade serve de tensão e de aproximação de dois gêneros de realidade”. Esta é uma frase pitagórica. (SANTOS, 1959, p. 70). O Um é a origem do universo manifestado e expressa o todo deste universo, assim como expressa uma oposição ao imanifestado. Universo é o verso do Uno, Unidade, UM.

O ser, a partir desta premissa discutida da oposição entre o limite e o ilimitado mostra que a existência só é possível diante de certa limitação. No entanto, naquele fragmento de vida está contida parte do ilimitado, como potência de ser.

Santos (1959, p.70) trata de uma ideia importante de Pitágoras e expõe que: “Para uma coisa ser o que ela é, há de ter uma ordem; ou melhor, uma relação das partes com o todo, uma certa coerência, diferente das outras, para que ela possa ser o que é, e não o que as outras coisas são”. Por isso, o diferente vai distinguir uns dos outros, como únicos e irrepetíveis. E o diverso, assim, apresenta-se como característica de riqueza, de mais substância, inteligência, sensibilidade e muitas outras possibilidades de ser, de realidade e relações.

Carola apresentava-se como o elemento diferente e não foi absorvida, mas banida, deixando o galinheiro sem possibilidade de enriquecimento. Com isso, naquele contexto, naquela unidade, não se permitiu que ela fosse o que era. E, por outro lado, ela não queria se tornar como os demais, pois tinha ânsia por ser mais e melhor do que havia sido até aquele momento.

Se no Um há o diverso, e este último compõe a Unidade, é possível pensarmos que a variedade de seres vivos é elemento para que imaginemos as infinitas possibilidades de existência. O Um não se fez pela mesmice, pelo igual, mas pela diferença que o encorpa e complexifica tornando-o mais potente. Carola, no galinheiro era a expressão de potência que, se levada a sério, considerada, absorvida poderia servir para impulsionar e expandir o potencial de ser mais, dentro da cerca e fora dela, bem como daquela sociedade. E exatamente por isso, tornou-se perigosa, pois escancarava o empobrecimento dos que lá estavam adaptados. Adaptação esta que se deu por medo, por insegurança, por limitação dos que lá estavam acomodados. Passou a ser vista como “problema” por querer mais da vida, do que aquele espaço poderia lhe oferecer, pois organizado de forma rígida, com relações de submetimento: em que uns se colocam como mais e outros como menos e o poder usado é para ameaçar e punir, não para promover e deixar expandir. Quem lá ousa, deve sair, pois põe em risco a permanência da mediocridade imperante. Continuemos com Pitágoras:

O número para Pitágoras não nos aponta somente o quantitativo, mas também o qualitativo, o relacional, a modalidade⁴, valores, processo, ritmo, vetor⁵ e fluxo, dentre outras categorias. Uma sociedade de iguais, homogênea é muito mais empobrecida, limitada em sua inteligência se comparada com uma sociedade diversa, dialógica que busca acolhimento das diferenças para sua expansão potencial.

Santos (1959, p. 70) nos diz que:

Se considerarmos que os fatos que constituem nosso mundo, e nesse conceito devemos incluir todos os corpos e os fatos psíquicos, vemos que eles não constituem, todos, uma coerência, (...), mas constituem tensões dinâmicas, que se processam, que passam de um estado para outro, que tomam uma direção. (grifos meus).

Os fatos que constituem o mundo, apresentam-se ora semelhantes entre si, ora diferentes, como também nos mostram que ora se completam, sem se repelirem, ora não.

Quando dois fatos opostos se colocam um em face do outro e formam uma relação, uma concordância, um ajustamento, como se constituíssem algo novo, eles se harmonizam. (Grifos meus).

Ajustar seria considerar os elementos diferentes como possibilidades e absorvê-los, transformando o que for necessário para que se expanda as fronteiras do conhecimento, dos sentimentos, das relações e do potencial realizador de cada um e do grupo. Na história, por não ter sido Carola acolhida, fecham-se as portas para a possibilidade de harmonização e de enriquecimento daquela sociedade.

Pitágoras via como o ponto ideal a harmonia que já se revelava pela própria natureza, para todos os fatos, incluindo os do ser humano (SANTOS, 1959). A seguir discutiremos o que era para o filósofo harmonia.

A harmonia é resultante do ajustamento de aspectos opostos. A harmonia só pode dar-se onde há oposições qualitativas. Dois iguais não se harmonizam, apenas se juntam. Para dar a harmonia, é necessário que exista a diferença, a distinção. O nosso universo compõe-se de unidades diferentes e, quando elas se ajustam entre si, realizam a harmonia (SANTOS, 1959).

Pitágoras na estética, propunha que “não devíamos procurar apenas a harmonia na simetria, mas a harmonia dos opostos, em movimento (khiasma⁶) e foi, através deste grande pensamento, que a arte grega, ao realizá-lo, conseguiu criar algo novo no campo da estética, o que veio colaborar eficientemente para a eclosão do chamado ‘milagre grego’”. A harmonia é

⁴ Modalidade = aspecto diverso que podem ter as coisas.

⁵ Vetor = seguimento de reta orientado que apresenta tamanho, direção e sentido.

⁶ Khiasma palavra grega traz a ideia de um cruzamento em X de estruturas diversas. Sua importância se dá pela troca de informações resultante deste cruzamento que permite aos seres gerar combinações teoricamente infinitas de novas possibilidades e características.

o ideal máximo de Pitágoras e consiste em ajustar os elementos diversos da natureza (SANTOS, 1959, p. 72).

Na história tanto a forma aparente do pintinho quadrado como os valores e anseios maternos, por fazerem oposição e criarem tensão no contexto foram considerados perigosos e uma aberração para a ordem posta, e assim sendo, não foram harmonizados naquele espaço.

Os valores podem ser positivos como opositivos, e

[...] como, através dos números, realizamos e atualizamos poderes, os números são também mágicos. A palavra magia encerra sempre a ideia de um poder maior que se pode despertar. O Um é a fonte emanadora de tudo. Os *arithmoi arkhai* (de arkhé, supremo), são os princípios supremos que advêm do UM” (SANTOS, 1959, p. 72).

O galinheiro onde vivia Carola perdeu a possibilidade de despertar este potencial original ao banir Carola, além de ter dado ênfase a valores retrógrados que despotencializam o ser, porque fere a autonomia ética das partes.

Carola é a única personagem que tem um nome, os demais são identificados como galos, galinhas, pintinhos e assim por diante. Esta situação revela que Carola apresenta personalidade, por se diferenciar pela vontade, pela inquietude, por sonhar e ousar para além da cerca. Ousar ser ela mesma, olhar para dentro de si, considerando seus anseios, escolher seu caminho foram decisões que cunharam sua personalidade, diferenciando-a perante o seu grupo. Enfrentou dificuldades, mas não permitiu que destruíssem seu ovo. Não vacilou em decidir pela vida de seu filhote, e por sua própria vida, mesmo tendo sido obrigada a deixar o galinheiro.

Em sua trajetória de saída alguns elementos expostos por Campbell (2007) na trajetória do herói aparecem, são eles: o mundo comum, a partida, a solidão da caminhada, a travessia do primeiro limiar, provas, inimigos e aliados, aproximação da caverna secreta, recolhendo-se em um esconderijo interior e a retomada de reflexões e enfrentamento de medos, a provação de estar só com seu pintinho, sem lugar, sem saber ao certo o que enfrentaria e exausta. Olhar para dentro de si mesma lhe deu a força necessária e a confiança de que encontrariam um lugar para os dois. As reflexões que emergiram diante das situações de rejeição pelas quais, mãe e filho passaram os aproximara ainda mais. Depois o acolhimento oferecido ao pintinho quadrado pelos novos companheiros de jornada. A recompensa foi encontrar animais que como ela também ansiavam por uma vida que lhe trouxessem mais oportunidades de expandirem seu potencial, tornando-os mais fortes, capazes de participar na construção de outra sociedade.

A vontade e o sonho de Carola era viver em um lugar onde pudesse ser ela mesma. Diante das dificuldades enfrentadas, mobilizou-se para buscar novas experiências de sentido

que lhe trouxessem a expansão de sua consciência e de suas possibilidades de ser, viver e realizar. Com o encontro com outros animais que partilhavam a mesma saga, nasce a oportunidade de construção de uma nova sociedade, alicerçada por valores díspares em relação as origens de cada um deles. E com isso, passam a ter como objetivo a organização de um espaço em que valores éticos pudessem ecoar e configurar, não somente os espaços materialmente falando, mas as relações, os valores, os olhares, a direção, conhecimentos e os sonhos.

Espinoza (1979) ao tratar do “potencial do ser” deixa claro que conhecer a possibilidade de algo existir não torna este algo necessário. A potência de algo existir está em si mesma ou vem de fora. O ser humano é uma redução da potência de existir e as forças que nos dão causa e nos engendram vêm de fora e de dentro, simultaneamente, tornando possível a existência. Somos parte de um ser absolutamente infinito e que se produz necessariamente. O Um finito reflete o Absoluto infinito. Carola, assim percebia sua potência em ser mais do que estava sendo no galinheiro, considerou seus afetos, pôs-se a refletir sobre o que o horizonte trazia, sonhou, fez potente sua vontade de ser mais e melhor do que podia naquele espaço e, resoluta trilhou novo caminho, enfrentando medos, vulnerabilidades e insegurança. E como cada um de nós, ao se colocar no mundo com um sonho, com posicionamento de busca de novas possibilidades, encontrou outros seres que tinham afinidades em seus propósitos e que também sonhavam com um mundo e realidade bem diferentes do que haviam vivido até ali.

A realidade pensada como um todo é um devir contínuo de produção e criação (BACHELARD, 1998). O infinito é definido por sua potência de ser, existir e produzir, já a Unidade, o UM se manifesta pela multiplicidade e sua expressão se dá pela diferença. Esta potência do infinito se manifesta no existir e na capacidade de afetar e ser afetado em nosso agir no mundo. E assim tanto a unidade como o infinito se põem em movimento. A potência do ser é a manifestação do infinito no finito, ela é a força do universo que gera bons encontros (ESPINOZA, 1979).

E estas potências infinita e finitas atuantes em cada ser, em meio a diversidade e diferença que lhe são inerentes, proporcionou a Carola e ao pintinho quadrado novos e importantes encontros que lhe permitiram construir tanto um espaço singular como novas e diferentes possibilidades de ser, existir, se relacionar e aprender/construir.

Considerações finais

No mundo moderno o que se observa é um empobrecimento do pensamento simbólico em decorrência de valores que buscam puxar o ser humano para dimensões mais rasas de utilitarismo, excesso de materialidade, aparência e desvalor de algumas dimensões, como a espiritual, por exemplo. O mergulho dentro de si mesmo e das questões fundamentais da vida, muitas e muitas vezes têm sido relegados às questões de ordem inferior e desimportante.

As histórias, os contos de fadas, sob o ponto de vista da Filosofia e da Psicologia, não acontecem fora do sujeito social, mas é um percurso que ocorre dentro da pessoa, refletindo-se fora. E assim sendo, evidenciam a saga de autoconhecimento, de potencial de ser, da vida que se tem vivido, de outras e novas possibilidades.

Os mitos revelam nossos medos, nossa história, nossos desafios e quando os sinais nele contidos forem interpretados podem nos levar a um conhecimento espiritual profundo, pois abarcam as dimensões das ideias, dos sentimentos, dos comportamentos, dos valores e princípios tornando a vida inteligível, suscitando objetivo coletivo e oferecendo material orientativo para o devir das ações humanas no dia-a-dia da vida comunitária. Eles tratam de temas fundamentais para a existência humana de tal modo que conseguem ir além da razão. Apresentam o tempo primordial que concentra o passado, presente e o futuro e mostram que, enquanto tiver um só ser humano que não trilhou o processo de autoconhecimento ou que possui questões pendentes nesta seara, eles são atuais, válidos e essenciais.

No conto “O Patinho Feio” o que acessamos é a necessidade de se ver semelhante aos que nos rodeiam e quando isto não acontece, o entorno nos vê como diferentes e nos discrimina, emerge a dor de não sermos aceitos, o desespero de se ver isolado, maltratado, rejeitado, humilhado faz com que se perceba a vida como não valendo a pena. Esta distorção traz pressuposta a exigência social de enquadramento para que sejamos considerados, não somente em termos de comportamentos, mas também de aparência, de condições materiais, dentre outras. O que foge ao mais comum, tende a ser desprezado. E este fenômeno já denuncia um empobrecimento de contexto que só aceita o que surge como mesmice. Bachelard em uma de suas obras diz que são as rupturas, revoluções, inconformismo intelectual e “cortes epistemológicos” - mudança radical de paradigma - que abrem espaço para uma transformação de princípios, conceitos, teorias e métodos.

Espinoza nos ensinou que a realidade é um devir de produção e criação, e assim sendo, sempre é possível rever princípios, condutas, valores, objetivos e materializar transformação.

Os dois contos nos dão pistas importantes de fazer o reconhecimento de como somos, o que devemos fazer para trilhar novos caminhos de ser e quais as possibilidades temos de nos harmonizar, crescer, existir e realizar. Ambas as histórias mostram o processo da caminhada que vai da dependência, ignorância, insegurança, servidão em rumo à liberdade, autonomia, realização e maior consciência de si e do mundo, tal como nós ansiamos trilhar em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, M.A. Carrillo; FERNÁNDEZ, M.A. **O Simbolismo do Cisne**. Biblioteca Nova Acrópole. Publicado em 30 de março de 2015. Disponível em: <http://biblioteca.acropolis.org/simbolismo-de-el-cisne/> Acesso em dezembro de 2022.

ANDERSEN, Hans Christian. **Os Contos de Hans Christian Andersen**. Coleção: Clássicos Infante Juvenis. Portugal: Editora Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro. 1ª edição, 2013. (O Patinho Feio, pp.05 – 17).

ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A água e seus sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Atena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CHAMLIAN, Regina; ALEXANDRINO, Helena. **O Pintinho que Nasceu Quadrado**. São Paulo: Global, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectivas S.A, 1972.

ESPINOZA, Baruch de. **A Ética**. In: Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1979.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. 3ª edição. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.

GALVÃO, Lúcia Helena. **Simbolismos nos Contos de Fadas**. Parte 01 – Introdução. Nova Acrópole Brasil. 2019. Vídeo youtube: 37:57. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QwuDkCBqatg> Acesso em 2019.

GREGOLIN FILHO, José Nicolau. **O pintinho que nasceu quadrado, de Regina Chamlian e Helena Alexandrino, ou: a busca de um lugar para as diferenças**. USP. Revista Via Atlântica, n. 14, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Pitágoras e o Tema do Número**. São Paulo: Editora Logos, 1959. Capítulo O Número para Pitágoras, pp. 69-104.

ZIMMER, Heinrich. **A Conquista Psicológica do Mal**. Compilação de Joseph Campbell. Trad. De Marina da S. T. Americano. São Paulo: palas Atena, 1988.